theorema: *Entreter o solo 'num estado de fertilidade constante; empregar a menor quantidade d'adubos que for possivel; confiar ao solo, em epocha apropriada, plantas cuja vegetação possa melhor favorecer; embaraçar que as plantas sejam incommodadas no seu crescimento, pela invasão das hervas ruins*

Castello de Vide — Novembro — 1861.

J. A. Sanctos e Silva

(*Continúa*)

A ORDENAÇÃO NO BISPADO DE PORTALEGRE

A prosperidade d'um povo não provém só do seu desinvolvimento material, provém tambem, e mais ainda, do seu desinvolvimento moral: é d'estas duas fontes conjunctas, que nasce o bem das nações, porisso não devem ellas dar-se a uma para desprezar a outra; devem applicar-se ambas ao mesmo tempo, embora com differente energia. De que serviria a opulencia do proprietario se elle a não dividisse pelos indigentes, que lhe cercam a porta?

Como se applicaria o individuo ao trabalho, se não soubess, que era o proprietario dos seus productos? Quem exploraria o solo, embora rico, d'uma nação sem a certeza, de que os outros respeitariam os seus esforços?

É pois absurdo esperar, que um povo prospere, só porque possue um solo rico, e tem homens, que o explorem; esse povo seria ainda mais miseravel, porque a riqueza do seu solo faria excitar a guerra entre os seus habitantes, se o seu estado moral lhes não fôsse ajudar o desinvolvimento material.

Como esperar então ver-te feliz, caro Alemtejo, a ti que só possues um solo cheio de riquezas? Podes vir a sêl-o, porque tens as duas fontes de prosperidade, ainda não exploradas; e assim és feliz, porque te ha de raiar um dia cheio de bens; e infeliz, porque a negligencia de teus filhos te não tem feito valer o que podias.

Se o teu solo é capaz de sustentar todos os teus filhos, ajuda a fertilidade d'aquelle com o desinvolvimento moral d'estes, vel-os-has vivendo em boa harmonia, caminharem na vanguarda, na senda da civilisação, e prosperarem todos os dias; não desprezes este, que definha e morre aquella, e terás de chorar a sorte de teus filhos, que se debatem nas guerras, que tu ateaste.

Tenha uma nação o mais fertil solo, os mais industriosos habitantes, mas não saibam estes respeitar-se a propriedade, que hão de ser uns desgraçados na fertilidade de sua terra e debaixo do seu genio: ensine-se-lhes a respeitarem-se uns aos outros, a amarem-se no trabalho, ver-se-hão felizes, florescendo a industria e augmentando a fertilidade do solo.

A religião, que produz estes effeitos, que é uma parte da essencia do homem, que é a base dos seus conhecimentos, que assegura ás leis civis a sua execução, revestindo-as de certo poder divino, que é a lei universal, que serve para tudo e para todos, 'numa palavra, que é o orgão vital d'uma sociedade e o complexo de todas as suas leis, é sem dúvida, a fonte principal da prosperidade de um povo; cultive-se pois a religião, promover-se-ha o bem do povo.

Como veremos então o clerigo, a quem a egreja encarrega de sustentar e promover a religião?

Como o principal promotor ou distribuidor do bem nacional.

E que cuidados e attenção não merece a educação d'um ser em cujas mãos está principalmente depositada a sorte d'um povo?

Bem mais, de certo, do que os que tem merecido a ordenação no bispado de Portalegre. Poucos são alli os padres, que tenham todos os exames, que a lei requer.

Não basta serem poucos, senão desprezados!

Não podendo segundo a lei matricular-se um estudante na cadeira de theologia moral sem exame de philosophia racional e de rhetorica, quasi todos têm conseguido não só matricular-se, senão ordenar-se sem aquelles exames. E quaes os resultados d'esta falta de rigor? Tirar ao povo a prosperidade do principal orgão da sua felicidade. E que circumstancias, ainda extraordinarias, podem justificar aquella laxidão?

Nem a necessidade de padres a póde desculpar, porque ainda que a urgencia possa dispensar a perfeição, nunca póde deixar de dar um passo, cujos maus effeitos depois se não possam remediar, quando ella cesse, por que lá ficava 'neste caso um individuo, que só a necessidade tinha feito padre, occupando (passada a necessidade) um logar, que outro e mesmo elle podia occupar mais dignamente; a necessidade aqui o que póde é dispensar a edade ao que já tivesse a sciencia, mas nunca a sciencia ao que só tivesse a edade, porque um padre sem conhecimentos jâmais poderá cumprir a missão, de que se encarregou; e não são poucos os conhecimentos de que um padre precisa, bem mais de certo do que, os que lhes exigem no bispado de Portalegre, mas não se lhes falte com elles, que, mesmo poucos, serão um pequeno capital, que podem ir engrossando com o estudo.

Felizmente o digno vigario geral começa a pôr algum termo áquelle abuso prejudicial; mas isso não basta: para a illustração do clero Portalegrense, carece-se d'uma reforma completa no ensino do Seminario. Offerece este aos estudantes, que pretendem seguir a vida ecclesiastica, os tres annos de theologia moral, que lhes exigem; mas que desordem 'neste estudo! Todos os annos se matriculam novos estudantes, mas o unico professor, que ha para os tres annos, porque tem de dar materias, para o que nem os tres annos chegarão bem, não póde no começo de cada anno voltar ao principio do compendio, e vê-se obrigado a fazer infructuosamente (não póde deixar de ser) a sua prelecção no meio ou no fim do compendio a estudantes, que entram pela primeira vez 'naquella aula, já a tirar conclusões de principios, que não estudaram, e que por consequencia ignoram. Mas não é só isto, o final casa perfeitamente com o principio. Não ha no fim de cada anno, nem no de todos tres, um acto, que sirva para julgar da habilitação do estudante; a frequencia de tres annos da aula de moral (e muitas vezes nem isso), basta para habilitar um estudante, porque só quando quer ir receber ordens é obrigado a examinar-se com um unico padre nomeado pelo vigario geral, para o que o estudante se habilita em oito dias, decorando uma caderneta, que contém as respostas ás perguntas, que aquelles examinadores particulares costumam fazer. Não nos demorâmos em mostrar a insufficiencia de taes exames, porque basta dizer, que não ha memoria de uma reprovação, sem que isto seja censura aos examinadores que podem approvar em consciencia, porque um estudante póde não saber nada de moral, e todavia fazer um bello exame com o auxílio da caderneta.

Nestas circumstancias como esperar a illustração do clero Portalegrense? E se a prosperidade do povo está tão ligada com aquella, como esperar vêl-o feliz? Porque um padre sem illustração, não é util a si, nem ao povo, e menos á egreja: necessita-se pois d'uma refórma nos estudos ecclesiasticos em Portalegre: é preciso, para bem do povo, da egreja e do proprio clerigo, ordenar os estudos de maneira, que possam aproveitar e que os estudantes se vejam obrigados a dedicar-lhes o trabalho e attenção, que merecem.

Consegue-se talvez este resultado, distribuindo as materias por tres cadeiras successivas, e obrigar cada estudante no fim do anno a um exame público a que assistirão os tres professores das cadeiras; e sem a approvação nas materias da cadeira antecedente não poderá matricular-se na cadeira do anno seguinte, e sem a approvação nas materias de todas não poderá dizer missa.

E votâmos para pagamento dos professores o ordenado que deviam ter os conegos, se a Sé os tivesse, e que agora é applicado sem utilidade pública visivel.

E não se espere só do govêrno aquillo, de que necessitâmos; nós somos os mais habilitados para conhecer as nossas necessidades, e o meio de as satisfazer; representemos pois essas necessidades ao govêrno, e lembremo-lhes até o meio que julgâmos conveniente para as satisfazer, para que elle nos preste o auxílio, que puder, e de que necessitâmos. Se nós que somos os mais interessados nos melhoramentos da nossa terra nos esquecemos d'elles, havemos de censurar o govêrno, que nas lides da governança se não lembra de nós?

Vão, pois, as pessoas competentes mostrar ao govêrno esta grande necessidade, prestem-lhe o auxílio, que poderem para que, aplainando-lhe o espinhoso caminho da administração, elle nos dê o auxílio de que precisâmos, que nós, já que nada valemos, cá ficâmos chorando a fraqueza de nossas fôrças, que nada podem em bem da patria; e acceite ella estes mal creados fructos de arvore ainda nova, como prova do amor que lhe consagrâmos, e conceda-nos para egide o desejo de lhe ser util.

Coimbra, 30 de outubro de 1861

J. D. Ruivo Godinho.

FELICITAÇÃO

No dia 3 de novembro celebrou-se na Matriz d'Alpalhão a primeira missa do nosso particular amigo, o muito reverendo padre João Manuel de Bastos.

Felicitâmos o novo ministro por ver coroados de feliz successo os arduos esforços, com que teve de combater os embaraços, que se oppunham á sua marcha na demanda de um estado, que tanto desejavam as boas qualidades de sua alma, como os nobres sentimentos do seu coração.

O estudo que alumia a alma, os bons sentimentos e a natural propensão para o serviço do Senhor, tornam o sr. Bastos um ministro digno, e capaz de cumprir para com Deus e para com os homens a alta missão de que está encarregado; felicitâmos pois a sancta egreja pelo bom ministro que agora entra em seu serviço, e possa elle com o seu exemplo marcar a senda da virtude áquelles dos seus collegas, que por ventura se tenham desviado d'ella.

J. A. Sequeira

La poesie a besoin de jeunesse, disse Cantu; ao canto triste e singelo que se segue não falta mocidade porque foi composto por um juvenil talento sôbre a campa de uma juvenil formosura. Ambos eguaes na edade differençaram-se na sorte; coube ao primeiro aproveitar uma lição do que vale a vida, inda mesmo quando occulta os espinhos sob o viço de uma esplendida juventude. Descuidosa hontem sorria-se ella aos affagos da ventura, aquecia-a o sol da felicidade; hoje, da sepultura que lhe recolheu o corpo, rebentam os sentidos versos que lhe choram a morte.

Nascêra em Coimbra; bafejaram-lhe o berço as brisas do Mondego: sob este ceu limpido e sereno correu-lhe ligeira a vida, leve batel em mar de rosas, brilhante como o sol, curta como um sonho de amor. Sua existencia foi perfume da flor perdido no sôpro da viração. Esta elegia é-lhe epitaphio condigno, dictada pelo sentimento puro e estreme que guia á alma do poeta nos primeiros e formosos annos da vida.

A. A. F. P.

Á MEMORIA

DA

EX.ma SR.a D. MARIA JOSÉ DA SILVA REIS

Fallecida em Maio do corrente anno.

Só resta o echo a suspirar por ella!

J. de Lemos.

Quão triste se nos mostra o som plangente
Do bronze, que no dobre funerario
Vem pedir-nos lembranças d'outras eras,
Que os echos do passado em vão sumiram!
Quão triste, se d'irman, d'amiga o nome
Aos labios nos accode, em pranto involto!..
Mas hoje, dia a lagrimas propicio,
Não choremos comtudo a flor que adorna
D'innocencia e virtude a c'rôa d'anjos!
Oh! não choremos, não! morte de virgem
D'archanjo é vida que nos ceus se nutre!

Tu foste, linda virgem, como a planta
A quem doces perfumes, gratas brisas
Embalam na estação que o prado infeita,
E que um sôpro fatal d'infausto norte
A fronte fez pender-lhe quando abria
Da aurora aos ledos beijos flor mimosa!
Foste fanal d'esp'ranças, que fulgiste
Para em breve occultar em densas trevas
D'amor a doce luz, que o mundo ignaro
Não soubera pagar-te em seus extremos!
Entre mimos e graças d'innocencia
A vida te volveu, qual volve rapida
Nuvem dourada por formoso occaso.
De ventura sorrindo, em azas d'anjos
Voaste do Senhor á voz clemente
A mansão habitar, que habitam virgens,
E aos coros divinaes unir teu canto.
Feliz, ditosa tu, que só de candidas
Assucenas gentis ornaste a fronte!
Ai! mais tarde, talvez, quando de rosas
A mesquinha existencia tu sonhasses,
Só podesses colher duros espinhos!
O futuro?... quem sabe?... ermo de affectos,
Passaria talvez por entre as dores
D'um pungente viver, em que teu peito
Não teria sequer um peito amigo
Onde carpir, saudosa, a maga infancia!
Qual pomba fugitiva a seus amores
Que no extranho paiz a vista encanta,
Mas que anhela talvez passados gozos,
Tal é alma de virgem: tal 'num sonho
Revelada nos foi a que dos astros
Modelar-te viera o corpo em graças!
A morte quebra o laço que nos prende
Ás gratas affeições que a vida ameigam;
Mas vae ligar nossa alma ao elo immenso
De venturas sem fim que a terra nega!
Foste ditosa pois; nem eu lamento
Por ti, nuncia de paz, a mão do fado
Que, inflexivel, roubou mais uma esp'rança
Das tão raras d'amor que o mundo ostenta:
Mas se ao homem é dado sôbre a terra
Teu nome recordar, e sôbre a lousa
Ir hoje desfolhar algumas flores,
Que revelem por si a dor que o punge;
Oh! deixa em tua campa ignoto bardo
Entre os prantos depor uma saudade!

2 de novembro, de 1861

L. C. Simões Ferreira.

NOTICIARIO

Luto — O dobrar plangente dos sinos de todas as torres é um annúncio de sentimento e lucto nacional.

Por um boletim thelegraphico, recebeu-se no dia 12 pelas 10 horas da manhan a infausta notícia de ter Deus chamado á sua presença o chefe do Estado!

É profundo o sentimento e a dor em toda a cidade: todos choram e lamentam o filho da senhora D. Maria II, de saudosa memoria; em todos se divisa a dor, pela perda de um rei, digno de toda a nação!

Irmãos! ajoelhemos diante do tumulo, que encerra os restos mortaes do nosso monarcha! Elevemos a Deus uma prece fervorosa pela alma do rei liberal!...

Ratificação — Quando no n.º 4 do nosso jornal noticiâmos a eleição do sr. Adriano Pequitto pelo círculo do Sardoal, por estarmos mal informados, dissemos que s. ex.a era deputado governamental; d'onde se podia colligir que o govêrno tinha apoiado a candidatura do sr. Pequitto: por informações fidedignas posteriores podemos hoje affirmar, que não aconteceu assim.

O campo ficou inteiramente livre, e o sr. Pequitto teve por competidor o ex.mo sr. Bobella, a quem, apesar de começar mezes antes com os seus trabalhos eleitoraes, não foi possivel vencer a popularidade que o sr. Pequitto tem no círculo, que, escolhendo-o para representante, por 810 votos contra 417, soube devidamente avaliar a intelligencia e probidade, que s. ex.a possue em subido grau. Estamos certos de que o digno deputado, no exercicio do seu mandato, não desmentirá o alto juizo que das suas qualidades fizeram os eleitores do círculo do Sardoal.

Declaração — D'ora ávante qualquer reclamação de numeros da nossa folha, que, por descuido do distribuidor ou empregados